

VISTA REVISTA REVISTA REVISTA R  
UESA PORTUGUESA PORTUGUESA PO  
E DE DE DE DE DE DE DE DE  
32 XADREZ XADRO



## QUEM DEFRONTARÁ ANATOLI KARPOV?

Terminados os quartos de final dos Matches de Candidatos, apenas quatro jogadores discutirão entre si quem defrontará Karpov. Entretanto, o campeão do Mundo continua a obter vitórias no Campeonato da Europa de Equipas e no Torneio de Las Palmas.

### SUMÁRIO

---

34	OS MATCHES DE CANDIDATOS
36	O XADREZ E A MULHER (I)
37	O PRIMEIRO PASSO
38	A PROPÓSITO DOS CURSOS DE ANIMADORES DESPORTIVOS
38	INAUGURAÇÃO DO CENTRO DE XADREZ CAVALO DE OURO
39	O BISPO "BOM"
40	A U.R.S.S. VENCEU O VI CAMPEONATO DA EUROPA (EQUIPAS)
43	TEMAS DE ATAQUE AO ROQUE
44	O CAMPEONATO DO MUNDO FEMININO
45	PARTIDAS RECENTES
46	SECCÃO DE CONSULTA
47	PROBLEMAS - O TEMA INDIANO

---

# EDITORIAL

Lemos com apreensão o Boletim n.º 5 da Secção de Xadrez do Ginásio Clube Figueirense, delegado da F. P. X. para o Xadrez por Correspondência em Portugal.

Não porque não sejam razoáveis alguns dos reparos feitos sobre algumas das modalidades do xadrez de competição, por exemplo sobre as rápidas.

Também nós, por vezes, nos temos sentido preocupados com o aspecto de algumas salas de xadrez quando em vez do ambiente calmo e ponderado que lhes devia ser próprio, mesmo quando emotivo — essa emotividade é, em xadrez, inseparável de um profundamente educador autodomínio —, deparamos com o olhar esgazeados dos "rapidistas" que em séries de dúzias de partidas seguidas entre os mesmos parceiros mal têm tempo, no final de cada uma, de acertar os ponteiros para a próxima, numa actividade frenética em que a rapidez manual daquele ping-pong em que o relógio é a bola sobreleva e até apaga a característica "raciocinante" que devia ser a primordial do jogo.

Chegam-nos a vir dúvidas ao espírito sobre a sem razão daquele "compadre" que, em tempos que já lá vão e sem aduzir argumentos, alcunhava de alienante o xadrez! Mas esse tinha as suas razões, melhor, os seus objectivos.

Mas vamos impedir confusões!

O que acabamos de dizer em nada se aplica aos torneios de partidas rápidas devidamente organizados, por vezes a única forma possível de convívio entre xadrezistas, quando o seu número é elevado, em que após cada jogo se muda de parceiro, se tem necessariamente de reflectir sobre a condução da partida finalizada e estabelecer planos para a próxima.

Nem se aplica ao jogador que, para aliviar a tensão psíquica provocada pelo "sofrimento" das longas horas do torneio a "sério" em que o lance errado, qual fantasma omnipresente, tem de ser evitado a todo o custo, quer jogar umas partidas sem responsabilidade para reencontrar o prazer do xadrez.

Nem se aplica ao estudioso que após a análise teórica de uma variante quer testá-la na prática, numa série de partidas com adversários de diferentes características.

Nem sequer ao xadrezista que não tem tempo para torneios mas gosta de jogar e não prescinde desse elemento fundamental do jogo, o tempo, que até no xadrez por correspondência existe e pesa!

Até seria deseducativo se não

existisse! Todos nós seríamos levados a supor as mais belas partidas, como as grandes obras na vida real, possíveis sem grande esforço se o tempo não contasse.

A própria adesão que esta modalidade do xadrez encontra nas camadas mais jovens não corresponderá uma necessidade de preparação para um ritmo de vida cada vez mais trepidante?

Claro que podemos sonhar com o paraíso que este mundo seria se todos nos resolvessemos a deitar os relógios para a sucata!

Teríamos a oposição de uma indústria florescente — coitadinhos dos suíços —, mas também o aplauso incondicional a Organização Mundial de Saúde e uma medalha, talvez o Nobel, pela erradicação do enfarte do miocárdio!

Se fosse assim tão fácil...

E o Sol a morrer no horizonte avisando-nos que outro dia passou?

E os outros *luzeiros no céu* com que o Criador, ainda antes da maldição, já nos tinha presenteado para avisar que, embora destinados à imortalidade, o tempo contava? *Que o jogo era com relógio?*

E o drama da limitação da vida humana quando a velhice se aproxima e nos damos conta de que ainda há tanto por fazer?

As obras do Homem têm de ser condicionadas pelo seu tempo de vida e tentar fugir à consciência disso para obter uma felicidade irresponsável seria o embrutecimento, a mutilação deliberada da nossa racionalidade. Meios para o conseguir não faltam: drogas, rádio, televisão, álcool, fotonovelas, publicidade e conseqüente aquisição de artigos de consumo desnecessários, clubite gerada pelo futebol profissional... Um arsenal diversificado e eficaz!

Por isso perguntamos: Será educativo ensinar a jovens um jogo em que o tempo não conta?

Mas o ritmo? Não será melhor jogar o xadrez a três dias por lance?

Bom! Lá chegamos nós, como queríamos, ao xadrez por correspondência!

Mas aqui começa outro drama, o desta Revista, em que não é só o tempo que não chega. O espaço também não! Só a matéria que queríamos tratar é que sobejou!...

Tempo, espaço e matéria.

Oh, Einstein, Einstein!... Sem desprimor para a tua relatividade, porque não descobriste a maneira de uma pobre revista, de uma desprotegida Federação, de um país que, de socialista, só tem por enquanto a constituição, ter o número de páginas...

Paciência leitor. No próximo número concluiremos.

# OS MATCHES

## A autocracia dos velhos campeões

*Os encontros de candidatos existem desde 1950, após a FIDE ter tomado a seu cargo a organização e outorga dos títulos mundiais individual e colectivo. Anteriormente os matches em que se disputava o título de Campeão Mundial eram acordados entre o detentor do ceptro máximo e os vários jogadores desafiantes. Na verdade, desde que W. Steinitz se autoproclamou Campeão Mundial em 1866, todos os possuidores do título se consideravam praticamente seus proprietários absolutos, acedendo a pô-lo em jogo apenas quando pressionados pelo reconhecimento geral da força dos seus desafiantes, ou quando essa força não lhes parecia grandemente de temer. O campeão afastava os adversários*

por VICTOR SILVA

*mais perigosos pedindo altas somas que dificilmente seriam reunidas, exigindo condições várias que sabia não seriam aceites e arrastando longamente as negociações preliminares ao encontro.*

## Emergência do papel da FIDE

*Com a morte do campeão A. Alekhine em 1964, no Estoril, a FIDE tomou conta do título, o qual foi ganho por M. Botvinnik em 1948 num match-torneio que reuniu mais quatro dos melhores jogadores da época: Smyslov, Keres, Reshevski e Euwe.*

*Entretanto tinha sido criado um novo sistema regulamentando o acesso ao título, sistema esse que, basicamente, prevaleceu até hoje. Formulado em Winterthur, no Congresso da FIDE, de 1946, foi adaptado no Congresso de Haia de 1947, em que a Federação Internacional de Xadrez se viu grandemente fortalecida e prestigiada com a aderência da Federação Soviética, a maior potência, então como agora, da modalidade.*

## O sistema de candidatura

*Actualmente este sistema indica que o detentor do título máximo o porá em jogo cada três anos, havendo entretanto todo um ciclo de eliminatórias para apuramento do candidato, seu adversário em math.*

*Os países filiados na FIDE são agrupados em várias zonas geográficas, que actualmente se cifram em onze, sendo realizada uma prova em cada uma delas, o chamado Torneio Zonal. De acordo com a força dos jogadores e das nações integrantes, cada Zonal apura um, dois ou três jogadores para os Torneios Interzonais (era apenas um inicialmente). Por fim os três primeiros classificados de cada Interzonal juntam-se ao anterior candidato ou ao ex-campeão, se este foi desaposado do título, e ainda ao 2.º classificado da precedente prova de candidatos e entre si disputam matches eliminatórios para apuramento de novo pretendente ao título.*

# DE CANDIDATOS

Apresentamos seguidamente os vencedores dos encontros de candidatos, até agora realizados:

- 1950 — David Bronstein (URSS)
- 1953 — Vassily Smyslov (URSS)
- 1956 — Vassily Smyslov (URSS) (a)
- 1959 — Miguel Tal (URSS)
- 1962 — Tigran Petrosian (URSS) (a)
- 1965 — Boris Spassky (URSS)
- 1968 — Boris Spassky (URSS) (a)
- 1971 — Robert Fischer (URSS) (a)
- 1974 — Anatoli Karpov (URSS) (a)

(a) Tornaram-se Campeões Mundiais ao vencerem o titular.

De 1950 a 1962 a prova de candidatos era disputada num sistema de todos contra todos, daí o seu nome: Torneio de Candidatos. Porém, imediatamente a seguir ao torneio de 1962, disputado em Curaçao, "Bobby" Fischer acusou os grandes-

-mestres soviéticos (sempre em maioria nestas provas) de jogarem colectivamente contra os não soviéticos, impedindo-os de ganhar o acesso ao título mundial. Os protestos de Fischer e da Federação dos Estados Unidos tiveram eco junto da FIDE, pelo que, a partir de 1965, o apuramento do candidato se passou a fazer em matches eliminatórios individuais.

De acordo com o actualmente regulamentado, o vencedor de cada match dos quartos de final é o jogador que obtenha vantagem depois de 12 partidas, isto é 6 1/2 pontos pelo menos. Caso se verifique o empate 6:6, haverá novo sorteio de cores para um prolongamento de duas partidas, repetindo-se o procedimento enquanto subsistir a igualdade. Nas meias-finais o número de jogos considerado sobe para 16 e na final para 20, havendo também prolongamentos de duas partidas se e enquanto os

jogadores permanecerem iguados na pontuação.

## Os quartos de final de 1977

Terminados os Interzonais em 1976, ficaram conhecidos os nomes dos participantes na edição de 1977 dos matches de candidatura. No Interzonal de Manila classificaram-se Mecking (Brasil), Hort (Checoslováquia) e Polugaevsi (URSS) e em Biel ficaram apurados Larsen (Dinamarca), Petrosian e Portisch (Hungria), estes dois após desempate com Tal. Juntavam-se-lhes Korchnoi (ex-URSS) 2.º classificado em 1974 e Fischer, ex-campeão, que se recusara defender o título contra Karpov. Como Fischer se manteve afastado, houve que proceder à sua substituição. Os regulamentos dizem que os eliminados nas meias-finais da anteriores edição (Spassky e Petrosian) deveriam disputar entre si o lugar. Porém, como Petrosian estava já apurado pelo Interzonal de Biel, coube a Spassky preencher o lugar vago.

Como já foi referido (v. números 1 e 2) ficaram qualificados para as meias-finais Spassky, Korchnoi, Polugaevski e Portisch.

continua na página 42

## B. SPASSKI - V. HORT

3.ª partida  
Inglês

1. c4 e5 2. Cc3 Cc6 3. g3 g6 4. Bg2 Bg7 5. e3

São alternativas principais 5. Cf3 Cf6 6. d3 d6 7. 0-0 0-0 8. Tb1 e5. e4 Cge7 6. Cge2 0-0 7. d3 d6 8. 0-0. Estas posições têm evidentes analogias estratégicas com a variante cerrada da siciliana, a tempo de vantagem permitindo às brancas lutar pela iniciativa.



BORIS SPASSKY

29. Txc7 Te2 + 30. Rg3 Txa2 31. Bf4 Td8 32. Bd5 h5 33. Te7 a5 34. bxa6 e. p. Txa6 35. Bg5 Tb8?

De considerar era 35... Ta3 + afastando o rei para a 2.ª fila já que a 36. Rf4 seguia 36... Be5 + 37. Txe5 dxe5 + 38. Rxe5, embora as brancas tenham compensação pela qualidade.

36. Txf5! gxf5 37. Rf4 Tf8?

Era indispensável 37... Ta7 disputando a 7.ª fila às brancas.

## 38. Bh6 Tg8 39. Rxf5 Tg1 40. Bg5

Hort exita antes de fazer o último lance do controlo e... perde pelo tempo. De qualquer forma não havia salvação: 40... Ta7 41. Bb7 Ta5 + (41... Tb1 42. Rg6) 42. Rg6 Te5 43. Th7 + Rg8 44. Bd5 + Txd5 45. exd5.

## 5... d6 6. Cge2 f5?!

As negras retiveram o desenvolvimento de Cg8 para poderem efectuar este movimento que pressagia um ataque no flanco de rei. No entanto, tal manobra é prematura, já que o Bc8 vê a sua diagonal drasticamente reduzida. Inferiores seriam também 1) 6... Be6? (visa controlar d5) 7. d4! Bxc4? 8. d5 Bxe2 9. Dxe2 Cb8 10. Db5 + Cd7 11. Dxb7 a6 12. 0-0, Hatkins — MacGrillan, Shopje 1972, ou 7... exd4 8. Cxd4 Bd7 9. 0-0 Cge7 10. b3 0-0 11. Bb2 Tb8 12. Cd5!; 2) 6... Cf6 7. d4! 0-0 8. 0-0 Bd7 9. h3 a6 10. b3 Tb8 11. a4! Polugaevski-Lutikov, Charlov 1967. Aconselhável era 6... Cge7 7. 0-0 0-0 8. Tb1 a5 9. a3 Bf5 10. d3 Dd7 11. Te1 Bh3 12. Bh1 f5 13. b4 axb4 14. axb4 f4! com forte ataque, Bakulin-Murei, Moscovo 1969.

## 7. d4

Clarifica imediatamente a situação central, embora com a resposta negra o Bg2 fique encerrado. Também dentro do espírito da abertura é 7. d3 seguido de um avanço no flanco de dama com Tb1 e b4.

## 7... e4 8. b4 Cf6

O peão b4 é tabu: 8... Cxb4? 9. Da4 + Cc6 10. d5.

## 9. Tb1 Ce7

Hort tenta cerrar o centro com d5, depois do que teria boas perspectivas no flanco de rei, mas Spasski não lho permite.

## 10. f3! exf3

Mau seria 10... d5 11. fxe4! fxe4 12. cxd5 ou 10... d5 11. fxe4! dxe4 ou ainda 10... d5 11. fxe4! Cxe4 12. cxd5 sempre com superioridade central branca.

## 11. Bxf3 0-0 12 0-0 Rh8

Um lance preventivo já que futuramente o rei pode estar mal instalado na diagonal aberta a2-g8.

## 13. b5 Ceg8

Como aponta Vasiukov no seminário "64", após 13... d5 14. Db3 dxc4 15. Dxc4 as brancas estão mais activas.

## 14. Cf4 Te8 15. Tb2!

Aqui a torre pode ser rapidamente colocada para defesa do rei ou para actuar no centro

## 15... Ch6 16. Bg2 Cf7

Em marcha para e4 via g5.

## 17. Cfd5 Cxd5 18. Bxd5 Dd7!

É desagradável impedir por algum tempo o desenvolvimento do Bc8, mas o plano inicial não é realizável: 18... Cg5 19. h5 Ce4 20. Cxe4 fxe4 21. Tf2 com vantagem decisiva ou 18... Cg5 19. h5 Ce6 20. Th2 com ataque sobre o rei negro. Pode observar-se o efeito do lance 15 das brancas.

## 19. Bg2

Se as brancas pretendessem ver-se livres do peão atrasado, jogando 19. e4 então 19... c6! e teriam de se desfazer de Bd5.

## 19... Cg5 20. h4 Ce6 21. g4?!

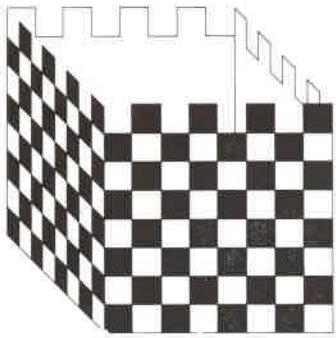
O lance jogado busca a abertura da coluna f para as torres mas, embora estrategicamente bem urdida, será refutada por uma combinação bastante simples. Um jogador da craveira de Spasski ao deixar escapar 21... Cxd4 evidencia que não se encontra em boa forma. Segundo Vasiukov havia que jogar 21. h5! com as seguintes possibilidades: 21... Cg5? 22. e4! Cxe4 23. Cxe4 fxe4 24. h6 Bf8 25. Tf2 com ataque decisivo, 21... Cf7 22. Bd5 ou 21... gxh5 22. Tf2 com superioridade manifesta.

21... fxc4 22. Dxc4 Cxd4! 23. Dxd7 Bxd7 24. exd4 Bxd4 + 25. Tf2 Bxc3 26. Bxb7 Tab8 27. Tf7

A entrada na 7.ª fila é a única compensação pelo peão a menos.

## 27... Bd4 + 28. Rh2 Bf5

Não seria agradável a posição das negras depois de 28... Bxb5 29. cxb5 Txb7 30. a4! com a ideia de dobrar as torres na 7.ª fila, mas melhor seria 28... Be6 29. Txc7 Bxc4 (29... Bb6? 30. Bb2 +) 30. Txc4 Be5 + e 31... Txc7 com um peão a mais. A jogada do texto pretende fechar a coluna f.



# O XADREZ E A MULHER

(I)

## I — Dil-aram, a primeira vitória

“O xadrez é uma bela amante à qual regressamos sempre sem nos importarmos com as muitas ocasiões em que somos repudiados.” Foi assim que o grande-mestre Bent Larsen definiu o xadrez.

Esta definição desde já concede ao xadrez algo de feminino, qualquer coisa que o torna próximo da constância ou inconsistência do amor. É interessante notar-se que no século XV o conjunto de obras designado por “Echecs d’Amour” não andaria muito distante da comparação proposta por Larsen, embora a intenção fosse diversa.

Importa-nos, porém, procurar conhecer não a relação entre os desaires do amor, ou os seus triunfos, e os maus ou bons resultados da carreira do xadrezista mas, essencialmente, a posição da mulher ao longo da História do Xadrez.



Essa posição vai desde musa inspiradora (...ou não fosse o xadrez uma arte), como a mitológica Caissa ou a lendária Dil-aram, até à de elemento actuante capaz de igualar e, mesmo, superar os seus rivais do sexo oposto.

Poder-se-á afirmar que a intervenção da mulher remonta ao enigma das origens do jogo-arte. A tese da origem persa do xadrez, relatada pelo poeta Firdausi(1), é a bela lenda de Gav e Talkhand, dois irmãos que se envolveram numa guerra pelo trono do seu país. Após o conflito, que o poeta descreve como uma autêntica partida de xadrez, Gav vence e Talkhand é morto. O desgosto da rainha-mãe é profundo e então Gav reúne os seus conselheiros mais assisa-

dos e durante uma noite inventam um jogo que traga à rainha um pouco da felicidade perdida. Assim nasceu o xadrez, embora bastante diferente da modalidade actual.

A esta primeira aparição da mulher como razão indirecta, mas causa principal, para a invenção do jogo-arte, seguem-se, no decorrer da história e da lenda, diversos exemplos consagrando-se como força inspiradora dos maiores cometimentos.

Na série de artigos que dedicaremos à mulher no xadrez, vamos analisar alguns dos episódios que a tornaram permanente companheira, embora por vezes enigmática, do xadrezista.

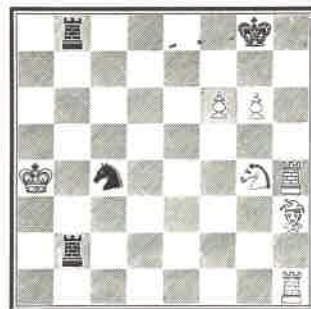
A lenda romântica da Dil-aram, conhecida de vários povos asiáticos e sucessivamente apresentada por persas, indostânicos e árabes, teve tal repercussão que, com maiores ou menores alterações, chegou até à Europa Renascentista(2).

Nela encontramos duas facetas contrastantes: a mulher-objecto jogada sem o mais pequeno escrúpulo pelo seu marido; e a mulher-sujeito que vencendo essa condição atávica de moeda de troca (ou ficha de jogo), demonstra que a sua inteligência e o seu amor se sobrepõe ao senhor que a possui como mero utensílio de prazer.

por DAGOBERTO L. MARKL

Conta-se que Dil-aram (“A do coração alegre”) vendo o vizir, seu marido, apaixonado xadrezista, jogá-la numa partida em que está prestes a sofrer mate, segreda-lhe através da cortina discreta do harém: “Sacrifica as tuas Torres, meu príncipe, e salva Dil-aram; prossigue com o teu Bispo e o teu Peão e mata com o teu Cavallo!”.

Esta lenda tem a sua origem num problema divulgado no manuscrito As-Suli, do século IX da nossa era. Não se trata,



As brancas dão mate em 6 lances (sistema antigo)

As brancas dão mate em 4 lances (sistema actual)

propriamente, de uma posição de xadrez, mas do seu antepassado Shatranj (versão persa do Chaturanga indiano) no qual os nomes das peças eram diferentes e os seus movimentos, em alguns casos, diversos.

A situação que Dil-aram resolveu com tanta facilidade envolve 6 lances, tendo em conta que o Bispo (Elefante na nomenclatura do Shatranj) move-se em diagonal, mas duas casas, podendo saltar sobre peças que se encontram no seu percurso.

Uma faceta caprichosa deste velho problema é que se o Bispo tiver o seu movimento actual o mate é dado em 4 lances.

Deixamos aos leitores, mas sobretudo a eventuais leitoras, o trabalho de descobrir a solução achada por Dil-aram, uma das muitas figuras femininas que o xadrez imortalizou. Convidamo-los, também, a encontrar o mate em 4 lances.

(1) Poeta épico persa (c. 930-c. 1020). Escreveu o poema Châh-nâmê (Livro dos Reis).

(2) É célebre o poema sobre xadrez do poeta polaco Jan Kochanowski (1530-1584).

## SOLUÇÕES

do número anterior (pág. 32)

### COMBINAÇÕES

1 **ROMANICHIN-POUTIAINEN**, Erevan 1976). 1. **Dg6!** Ameaçando Cf6 +; se fxg6 2. Cf6 + + 1:0.

2 **(SMIRNOV-ROTSTEIJN**, URSS 1976). 1. **Cb6!! Cxb6** 2. **Tc7!! Dxc7** (se 2... h5 3. Dh3; se 2... De8 3. Dxe6 + Rh8 4. Txe7 Dxe7 5. Bb2 + Dg7 6. Cf7 + Rg8 7. Ch6 + Rh8 8. Dg8 + +) 3. **Dxe6 + Rg7** (se Rh8 4. Bb2 + Bg7 5. Cf7 + Rg8 6. Ch6 + Rh8 7. Dg8 +) 4. **Bb2 + Rh6** 5. **Dh3 + Rg5** 6. **f4 + +**.

3 **(ALEKHINE-HOFMEISTER**, Leninegrado 1917). 1. **b6!! Cxd6** 2. **cxd6!! Tec7** (se Txc2 3. b7 + Rb8 4. Bxa7 +) 3. **b7 + Rb8** 4. **d7!! Dg3 +** 5. **Rh1! 1:0**.

### ESTUDOS E FINAIS

1 **(W. PROSKUROWSKI)**. 1. e7 b1D 2. e8D Dh7 3. Rc8 Dg7 4. Dd8 Df7 5. Dh8 De7 6. Dg8 Dd6 7. axb7 + +. Se 3... De4 4. Rc7 +!

2 **(A. ERICSSON)**. 1. Rf5 Cf7 2. Re6 Cd8 + 3. Rd7 Cb7 4. Cc6 + Ra8 5. Be3 c3 6. Re6 c2 7. Rd5 e ganha.

3 **(D. A. GURGENIDZÉ)**. 1. Ta8 + Rb7 2. Tb8 + Rxb8 3. h8D Tg6 + 4. f6 Txf6 + 5. Rd5 Tf5 + 6. e5 Txe5 + 7. Rc4 Te4 + 8. d4 Txd4 + 9. Rb3 Td3 + 10. c3 Txc3 + 11. Ra4 e ganha.

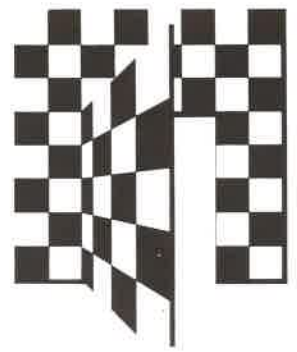
### PROBLEMAS

1 **(R. C. NASCIMENTO)**. Bloqueio completo: Jogo aparente (ou virtual): d6 2. Cc7 + +; d5 2. Cc5 + +; Txf7 2. Bxd7 + +; Tf6 2. Cf8 + +; Tf5 2. gxf5 + +; T ~ na travessa 2. f8C + +. Solução 1. **Tc5**. Mantêm-se os mates, excepto quando 1... d5 2. Tc6 + + (mate mudado). Auto-obstruções pelo P em d6 e d5, e pela T em f7 e f6.

2 **(COMINS MANSFIELD)**. 1. **b3**, ameaçando 2. Dxa4. Bxb3 2. Cf7 + +; Bxb5 2. Cf5 + +; Dxb3 2. Cc4 + +. Três auto-obstruções em b3 e b5, com interferência branca nos mates.

3 **(S. LOYD)**. Tema “Grab”. O B é apanhado cinco vezes pelas TT. 1. **Tb2** Bd1 2. Tb1; 1... Bc6 2. Tb1 +; 1... B ~ 2. TxB.

# O PRIMEIRO PASSO



por TOMÉ DUARTE

Após os dois primeiros artigos inseridos nesta secção com o título de "O primeiro passo", dedicados essencialmente a iniciados, em que expusemos os princípios básicos e os factores mais importantes das aberturas é tempo de passarmos a abordar exemplos mais concretos que ilustram na prática os princípios teóricos das aberturas, já referidos.

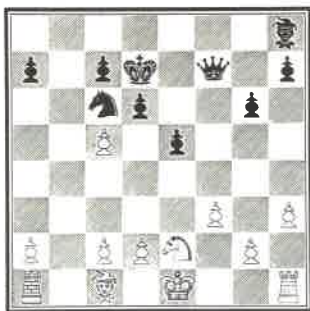
De entre alguns conselhos dados sobre a maneira de jogar a abertura, uma referência especial foi feita sobre a inconveniência de atacarmos a posição adversária ou iniciarmos uma combinação sem que todas as nossas forças estejam suficientemente desenvolvidas.

As brancas compreenderam perfeitamente este princípio depois de jogada a seguinte partida.

## MASLOV — LUTIKOV

URSS 1963

**1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Cc3 d6 4. Bc4 Bg4 5. h3 Bxf3 6. Dxf3 Cf6 7. Ce2** (As brancas pretendem atacar simultaneamente os pontos f7 e b7, depois de 8. Db3, no entanto este plano é errado, pois as suas forças não estão suficientemente desenvolvidas para que tais acções táticas tenham êxito. Melhor seria jogar 7. d3 abrindo caminho para o bispo de dama.) **7... g6 8. Db3** (era melhor 8. d3, dando liberdade ao bispo de dama. As negras demonstrarão a veracidade do princípio de que não se devem comer peões na abertura, especialmente quando existe um desenvolvimento deficiente) **8... Dd7 9. Bxf7 + Dxf7 10. Dxb7 Rd7! 11. Dxa8 Cxe4 12. f3 Cc5** (As brancas descobriram que as suas acções no flanco de dama tiveram como consequência a perda da dama e tentarão ganhar alguma compensação) **13. C4 Bg7 14. Dxb8 Bxb8 15. bxc5.**



**15... e4!** (Qual é o balanço da situação, depois da combinação das brancas? O material está equilibrado, pois a dama tem um valor relativo igual ao de duas torres, no entanto a posição das negras é superior. As peças brancas com excepção do cavalo, encontram-se nas casas iniciais, o que demonstra bem a forma como trataram o problema do desenvolvimento.) **16. c3 exf3 17. Tf1 Ce5 18. gxf3 Cd3 + 19. Rd1 Dc4** (ameaçando mate num lance. Se 20. Rc2 Cxc1 ganha uma peça) **20 Cg3 Be5 21. Tg1 Da4 22. Re2 Cf4 23. Re3 Cxh3.** As brancas abandonaram.

MASLOV ao executar esta combinação contra LUTIKOV, por certo não conhecia uma partida jogada 50 anos antes, em que as negras refutaram os intentos agressivos das

brancas numa maneira semelhante à anterior, entre RODZINSKI e o então jovem mas futuro campeão do mundo ALEKHINE.

Alekhine já então tinha demonstrado ao seu adversário o perigo de começar a combinar antes de atender às regras do desenvolvimento, pelo que uma vez mais poderemos verificar após esta mini-partida, quão importante lance de desenvolvimento é o roque.

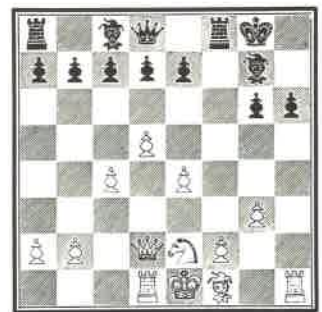
## RODZINSKI — ALEKHINE

Paris 1913

**1. e4 e5 2. Cf3 d6 3. Bc4** (melhor é 3. d4) **Cc6 4. c3 Bg4 5. Db3!** (muito melhor é 5. d4 De7 6. Be3 Cf6 7. Db3 Cd8 8. Cbd2 g6 9. dxe5 com ligeira vantagem para as brancas) **5... Dd7 6. Cg5** (se 6. Bxf7 Dxf7 7. Dxb7 Rd7 8. Dxa8 Bxf3 9. gxf3 Dxf3 10. Tg1 Dxe4 + 11. Rd1 Df3 12. Re1 — se 12. Rc2 Cd4 + ganha a dama — e4 13. Ca3 Ce5 14. Tg3 Dh1 15. Re2 Cf3 com a ameaça de De1 +; se 14. Dxa7, Cd3 + 15. Rf1 Dd1 16. Rg2 Cf4 + 17. Rg3 Ce2 + ganhando) **6... Ch6 7. Bxf7 + Cxf7 8. Cxf7 Dxf7 9. Dxb7 Rd7 10. Dxa8 Dc4! 11. f3.**



**11... Bxf3 12. gxf3 Cd4 13. d3 Dxd3 14. cxd4 Be7 15. Dxb8 Bh4 mate.** Bastante instrutiva sobre o tema em questão é a seguinte partida, jogada por BOTVINIK (brancas) contra SPIELMANN em Moscovo no ano de 1935. A partida começou com uma defesa caro-kan, mas as negras cedo tiveram que depor as armas perante a iminência de perderem a dama. **1. e4 c6 2. d4 d5 3. exd5 cxd5 4. c4 Cf6 5. Cc3 Cc6 6. Bg5 Db6 7. cxd5 Dxb2 8. Tc1 Cb4 9. Ca4 Dxa2 10. Bc4 Bg4 11. Cf3, e as negras abandonam.**



**15. Txb6! Bxb6 16. Dxb6 Tf6 17. e5 Df8 18. Dg5 Tb6 19. b3 Ta6 20. a4 Df3 21. Cd4 Dc3 + 22. Re2! c5 23. dxc6 a.p. bxc6 23. Dxb6 + Rf8 24. Ce6! + e as negras abandonam perante a iminência de mate.**

## PEDIDO DE ASSINATURA

Desejo assinar a Revista Portuguesa de Xadrez pelo período de:

Seis meses 80\$00  Um ano 150\$00, com início no n.º \_\_\_\_\_ de 197\_\_

Para pagamento:  Envio cheque n.º \_\_\_\_\_, vale de correio n.º \_\_\_\_\_ ou dinheiro.  Peço que mandem recibo à cobrança juntamente com o primeiro número, acrescido da respectiva taxa.

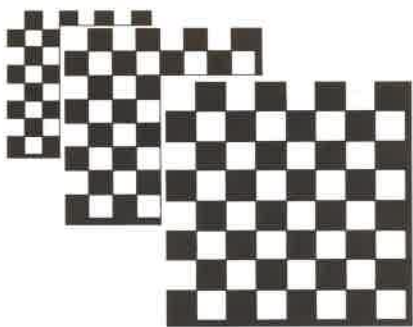
Nome \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_

Localidade \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 197\_\_

(assinatura)



# A PROPÓSITO DOS CURSOS DE ANIMADORES DESPORTIVOS

por JOSÉ OLIVEIRA

Realizou-se nos passados dias 7 e 8 de Maio, nas instalações do Ginásio Clube do Sul, em Almada, um curso de animadores de xadrez.

No momento em que se retoma, a nível de Federação, este tipo de iniciativas que durante largos meses não puderam realizar-se por dificuldades de apoio financeiro, importa delimitar o âmbito das mesmas e examinar os objectivos fundamentais que se procuram atingir.

Que é que se pretende com estas acções de formação? Ensinar aos participantes as últimas novidades teóricas ou algumas variantes mais espectaculares? Ensinar-lhes algo que deverão transmitir?

Por definição, o animador será, antes de mais, o indivíduo com informação suficiente para orientar a actividade dos núcleos, organizando o trabalho interno, e promovendo diversas acções de ensino e dinamização.

Na altura em que despertam para a prática do xadrez inúmeros núcleos existentes em clubes, escolas, grupos desportivos de trabalhadores, comissões de moradores, etc., e sabendo-se como são reduzidas as possibilidades financeiras das entidades a quem cabe apoiar o processo de desenvolvimento da modalidade, percebe-se a importância de uma rede de enquadramento voluntário, que é condição absolutamente necessária, embora não suficiente para todo o trabalho de fomento.

Creemos também que quem opta por ser colaborador de uma comunidade está a fazer uma opção cívica de base: está a tomar a posição de impedir que nem todas as pessoas tenham acesso ao xadrez. É por isso que a opção fundamentada no gosto por que muitos indivíduos joguem xadrez não é suficiente.

Intervir exclusivamente pelo desporto é a receita da tecnocracia. Nós entendemos, contrariamente, que toda a acção a desencadear a nível desportivo deve ter por trás uma estrutura ideológica que impeça que essa acção seja eventualmente recuperada por pessoas cujos interesses nada têm que ver com a democratização da cultura e do desporto.

Se o trabalho desportivo for grande, põem-nos uma medalha ao peito, e ficamos por aí. Mas se atendermos a que a nossa cultura tem um significado que aponta para ser uma cultura da burguesia, e que também o xadrez está nessa situação, veremos

de imediato que o desenvolvimento do desporto, que só é possível por via participada, poderá levar as populações a compreender que o próprio desporto é uma forma de organização do trabalho, que é um direito por que se deve lutar

Se é certo que, durante o regime anterior, o povo foi obrigado a perder os hábitos de expressão criadora, de associativismo e de tomar em mãos a resolução dos seus próprios problemas, é também verdade que o desporto e, logo, o xadrez oferecem capacidade de intervenção para que muitas pessoas continuem a acordar para a organização colectiva do seu trabalho.

Falando dos aspectos concretos focados nos cursos de animadores, figura entre eles a informação sobre os cuidados ao nível do conhecimento dos jogadores iniciados, em particular das crianças, e sobre as preocupações a ter quanto à abordagem da modalidade, por exemplo em termos de como poderá o principiante ser solicitado a desenvolver a sua acção criativa.

Por outro lado, são referidas as técnicas de sensibilização e animação, e as formas de organização do trabalho nos núcleos.

Procura-se igualmente transmitir uma imagem sobre o papel que o animador deve ter no contexto das preocupações sociais.

Importará agora não reduzir os cursos de formação de quadros a acções pontuais, mas lançar formas de organização dos animadores — e, neste campo, haverá que reconhecer que quase nada foi feito. Os animadores têm de se constituir como movimento, como um núcleo que agregue todas as pessoas interessadas na prática do xadrez. A institucionalização de uma estrutura de animadores tem a máxima importância, por exemplo, ao nível da comparação de experiências, e de mobilização de esforços para iniciativas de dinamização de mais largas proporções.

## INAUGURAÇÃO DO CENTRO DE XADREZ CAVALO DE OURO

Na Flamenga (Loures), decorreu de 4 a 8 de Maio a inauguração da sede do Centro de Xadrez Cavallo de Ouro.

Nos dias 4, 5 e 6, realizaram-se as sessões relativas a um torneio quadrangular por equipas, que terminou com a vitória do **Clube Atlético de Alvalade**, com 9 pontos, seguido de: 2.º **Sporting Clube de Portugal**, 7; 3.º, **G. X. Alekhine**, 5 1/2; 4.º, **C. X. Cavallo de Ouro**, 2 1/2.

Desta prova se apresenta a partida jogada no 1.º tabuleiro do encontro Alekhine-Alvalade:

J. DURÃO — ANT.º P. SANTOS

Siciliana

1. e4 e6 2. d4 c5 3. Cf3 cxd4 4. Cxd4 Cc6 5. Cc3 Dc7 6. Be3 a6 7. Bd3 Cf6 8. h3 Ce5? 9. De2! b5 10. f4 Cc4 11. Bxc4 Dxc4 12. Dxc4 bxc4 13. e5 Cg8 14. 0-0-0 Ce7 15. Cde2 Bb7 16. Thg1 Tc8 (16... h5!) 17. Cg3 Cd6 18. Cxd5 Bxd5 19. Cp5 c3 20. b3 Ba3+ 21. Rb1 0-0 22. g4? (22. f5!) a5? 23. Bc1 Bc5 24. Tg3 Bf2 25. Tgd3 a4 26. Tf1 axb3! 27. axb3 (27. Txd5 exd5 28. Txf2 bxa2+ 29. Rxa2 Tc6 30. Tf3 d4 com vantagem decisiva das pretas) Bb6 28. Ba3 Bc5 29. Bxc5 Txc5 30. Rc1 Ta8 31. Rd1 Ta1+ 32. Re2 Txf1 33. Rxf1 Bxb3 34. Txd7 Tc8 35. Cg3 Bxc2 36. Ce2 Ba4 37. Ta7 Bb5 38. Ta1 c2 39. Tc1 Rf8 (39... h5! com ideia de Rh7) 40. Rf2 Bxe2 41. Rxe2 Tc3 42. h4 Tc4 43. Re3 Re8 44. h5 Rd7 45. Rd3 Txf4 46. Txc2 Tg4 47. Tf2 Re7 48. Ta2 g6 49. Ta7+ Rf8 50. h6 Th4 51. Ta8+ Re7 53. Ta7+ Rd7 54. Ta7+ Rc6 55. Txf7 Txb6 56.

Ta7 Th5 57. Ta6+ Rd7 58. Ta7+ Re8 59. Ta8+ Rf7 60. Ta7+ Rf8 61. Ta8+ Rg7 62. Ta7+ Rh6 63. Rd4 Rg5 64. Tf7! Th4+ 65. Rc5 Tf4! 66. Txb7 Rf5 67. Tg7 Te4 68. Rd6 Td4+ 69. Re7 Ta4 70. Tf7+ Rxe5 71. Tf1 Ta7+ 72. Rf8 g5 73. Te1+ Rf5 74. Tf1+ Re4 75. Te1+ Rf3 76. Txe6 g4 0:1.

No sábado, dia 7, depois de uma simultânea conduzida por Herbert Matzinger, efectou-se a cerimónia de inauguração, que teve a presença de representantes da Associação de Xadrez de Lisboa, da Federação Portuguesa de Xadrez e da Direcção-Geral dos Desportos, e em que houve várias intervenções e a projecção de *slides* e filmes relativos à actividade do Cavallo de Ouro. A noite, o dr. Rodolfo Lavrador conduziu uma simultânea de vinte e cinco tabuleiros, que concluiu com uma percentagem vitoriosa de 80%.

No domingo, Alvaro Pereira, recordista ibérico de simultâneos às cegas, conduziu uma sessão de dezoito partidas jogadas de costas para os tabuleiros, em que obteve o resultado de +12-6.

Teve lugar depois um torneio de partidas rápidas por equipas, que contou com a participação de dez conjuntos, saindo vencedor o **Sporting Clube de Portugal-A**.

No encerramento das festividades, o presidente do C. X. Cavallo de Ouro, Carlos Monteiro, proferiu breve alocução, em que afirmou ser o Centro um clube exclusivamente dedicado à prática e à causa do xadrez, razão pela qual as suas portas estarão abertas de par em par sempre que o xadrez dele necessite.

### PROGRAMA DE UM CURSO DE ANIMADORES DE XADREZ

#### Sábado

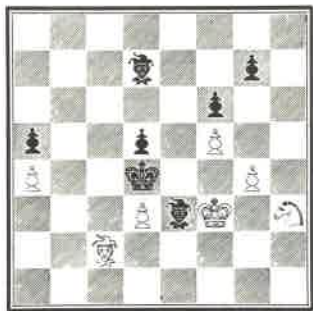
- 15.00-19.00 introdução  
metodologia do ensino  
elementos psicopedagógicos  
regras do jogo
- 21.00-23.00 regras do jogo  
formação ideológica

#### Domingo

- 10.00-13.00 história do xadrez  
animação do núcleo  
curiosidades
- 15.00-18.00 animação do núcleo  
organização federativa  
debate sobre o curso

O último número incidimos a nossa atenção sobre alguns casos de bispo "mau". Ficou claro que os bispos gostam das "zonas verdes", ou seja, que é nos espaços abertos que melhor impõem a sua velocidade. A partir daí, podemos concluir que, em finais sem peões bloqueados, o bispo é sempre "bom" e superior ao cavalo. Essa vantagem, se for única, nem sempre chega para ganhar; mas se se juntar a ela uma outra (peão passado, melhor estrutura de peões, rei mais activo, etc.), são muito grandes as hipóteses de vitória.

Como já anteriormente se disse, uma particularidade importante do bispo é a de poder "perder tempos" com triangulações. Vejamos uma curiosa posição, em que as brancas caem rapidamente num *zugzwang* fatal.



O diagrama reproduz a fase final da partida **PRITCHETT-SCHINZEL** (Decin, 1976), que as negras ganham rapidamente, apesar do peão a menos.

**1... Rg3! 2. Ch1+ Rf3! 3. Cf2 Rg2!**

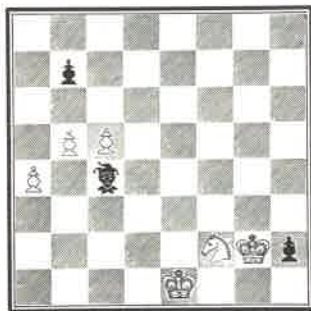
A primeira triangulação foi efectuada pelo rei, para se atingir de novo a posição do diagrama... sendo o adversário a jogar. Se agora 4. b6 Ba6 5. a5 Bb5, e as brancas estão de novo em *zugzwang*.

**4. c6 bxc6 5. bxc6 Ba6 6. Ch1**

O equivalente ao abandono, mas se 6. c7 Rg3! 7. Ch1+ (ou 7. Ce4+) Rf3 8. Cf2 Rg2 9. a5 Rg3! 10. Ch1+ Rf3 11. Cf2 Rg2 (o cinismo da monotonia!) 12. c8D Bxc8 13. Re2 Bb7 14. Re3 Ba6.

**6... Rxh1 7. Rf2 Bc4! 8. a5 Bb5! 9. c7 Ba6! 0:1**

Foi a vez da triangulação do bispo. Observe-se a acção multifacetada desta figura, sujeitando o rei branco numa diagonal e os peões na outra.



Outro tema a considerar é o aprisionamento do cavalo, que permitiu uma rápida vitória às negras, no jogo **BABO-DURAO**, Porto, 1955.

**1... Be4!**

Uma maneira elegante de manietar o cavalo, pois se ele joga segue-se Bc2 (deixa de haver o contra-ataque Cd5).

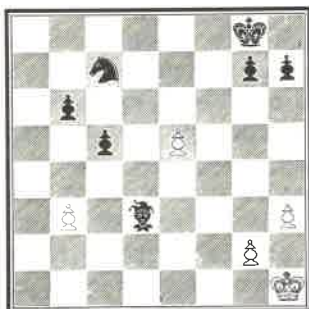
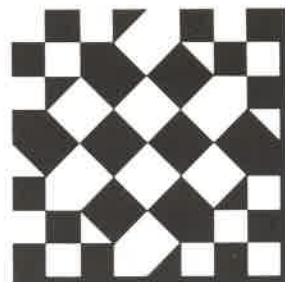
**2. Rg1 Rf1 3. Rf2 Re7 4. g3 Bc6! 5. Ca6 Rd8 6. b4 Bb5**

As brancas abandonaram lances depois

# O BISPO

por ÁLVARO PEREIRA

## "BOM"



Como se sabe, no final o rei é uma importante peça de ataque. Neste terceiro exemplo, a melhor situação do rei aliou-se à vantagem do bispo contra cavalo e garantiu uma vitória fácil (**TARRASCH-RUBINSTEIN**, San Sebastián, 1912).

**47... Rc3!**

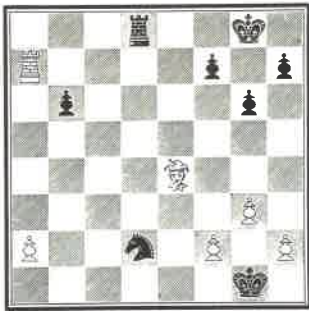
Forçando a passagem a um muito favorável final de bispo contra cavalo.

**48. Re3 d4+ 49. Re2**

Ou 49. Re4 Bc6+ 50. Rf4 Rxc2 51. Cf2 Bxa4 52. Ce4 Bb5, etc.

**49... Rxc2 50. Cf4 Bxa4 51. Ce6 Bb3 52. Cxd4+ Rb2 53. Cb5 a4 54. Re3 a3 55. Cxa3 Rxa3 56. Rd4 Rb4 0:1**

Nas três posições que acabámos de ver, o bispo impunha-se mediante manobras tácticas usuais: *zugzwang*, prisão do cavalo e infiltração vitoriosa do rei. (Não me parece necessário um outro tema possível: o sacrifício do bispo para criar um peão livre que coroará). Veremos agora um caso de vitória técnica, que demonstra bem que, *no confronto com o cavalo, o bispo é sobretudo vantajoso quando a luta se trava em ambos os flancos*, pois prevalece mais notoriamente a sua qualidade "centrocampista" de ir rapidamente onde é necessário.



O último diagrama ilustra o final da partida **VELIMIROVIC-SIBAREVIC**, jogada na Jugoslávia em 1966.

**1. Ta8! Txa8 2. Bxa8 Rf8 3. Bd5 Re7 4. f4 f6 5. Rf2 Rd6 6. Bg8! h6 7. Bh7 Ce4+**

Forçado, pois se 7... g5? 8. Bd3! Rd5 9. Re3 Cc4 10. Bxc4 Rxc4 11. Re4, e o final de peões ganha-se elementarmente.

**8. Rf3 Cc3 9. Bxg6 Cxa2 10. Rg2 Cb4 11. Rh5 Cd5 12. Rxh6 b5 13. h4 b4 14. h5 Re6**

Como acontece frequentemente quando há

peões em ambas as alas, cada jogador criou um peão passado numa delas. Aqui, as negras conseguiram-no dois lances mais cedo, mas mesmo assim perdem a "corrida", porque são obrigadas a perder demasiados tempos para acudir com o cavalo junto do peão passado branco, ao passo que o seu é travado à distância pelo bispo.

**15. Rg7 b3 16. h6 f5**

As brancas podiam ter jogado 16. Bd3, mas permitiram esta tentativa desesperada para terminarem com um "bonito"...

**17. h7 b2 18. Bxf5+ 1:0**

"Bonito" por "bonito", eu teria gostado mais de 18. h8D b1D 19. Bxf5+!, que, sarcasticamente, permite as pretas tomarem o bispo com a dama e com o rei!

## XADREZ NO ALGARVE

Disputou-se em 30 de Abril e 1 de Maio o I Torneio Internacional de Partidas Rápidas Hotel do Golfe de Vila-moura, que englobava duas provas — uma individual e outra por equipas.

O torneio decorreu com o patrocínio do Hotel do Golfe, que facultou a estadia aos participantes, estando a organização técnica a cargo do Sport Faro e Benfica, um dos grupos que recentemente iniciaram a prática do xadrez federado no Algarve, província em que a modalidade tem conhecido franca expansão.

A prova individual, jogada no sábado à noite, teve 94 participantes, entre os quais alguns do país vizinho, e terminou com a vitória de *Luis Santos*, que, na fase final, apenas cedeu dois empates.

Na prova colectiva inscreveram-se vinte equipas, sendo vencedora a do *Sporting*, constituída por L. Santos, F. Silva, R. Marques, A. Rocha, E. Baptista e A. Ilharco.

## RECTIFICAÇÃO

No número anterior algumas gralhas escaparam à revisão.

Na pág. 19, em vez de 20... Te8 é 20. Te7. Na mesma partida falta o lance 34... d4.

Na pág. 29, linha 2, deve ler-se: 6. Cbd5. No comentário, linha 9, falta 15... Dxf6.

Na pág. 31, na 1.ª coluna, 5.ª linha a contar do fim, a seguir a Rd2 deve acrescentar-se 2. Db2++ (mate adicionado).

Na 2.ª coluna, 4.ª linha do texto, deve ler-se mates adicionados (não adicionais).

Na 3.ª coluna, 15.ª linha a contar do fim, há palavras repetidas da linha anterior.

O autor do Problema II é Edouard Pape



# A U.R.S.S. VENCEU O VI CAMPEONATO D

por ALVARO PEREIRA

Como noticiámos no nosso número anterior, a U.R.S.S. foi a vencedora do VI Campeonato da Europa, cuja fase final se realizou em Moscovo. O triunfo da equipa soviética, que também ganhara as cinco anteriores edições da prova, era facilmente previsível. É de realçar, porém, a extraordinária percentagem alcançada (quase 75%), que lhe permitiu um avanço de 10 1/2 pontos sobre a Hungria, segunda classificada. Com duas vitórias por 5 1/2:2 1/2, quatro por 6:2 e uma por 6 1/2:1 1/2, a U.R.S.S. parece ter voltado aos tempos de uma hegemonia

indiscutível, sobretudo nas provas colectivas.

A luta para o segundo posto, pelo contrário, foi muito renhida, e só se decidiu na última sessão. A Roménia esteve a pontos de, surpreendentemente, o conquistar, mas a pesada derrota (2 1/2:5 1/2) frente à Jugoslávia, na última ronda, relegou-a para a quarta posição, enquanto que os seus vencedores asseguravam a medalha de bronze, a um ponto da Hungria que, entretanto, derrotava a Checoslováquia pelos mesmos 5 1/2:2 1/2.

O extraordinário resultado da

U.R.S.S. ficou a dever-se, sobretudo, à homogeneidade dos seus dez elementos, incluindo os dois suplentes, que totalizaram 8 1/2 pontos nos onze encontros que disputaram. Vejamos uma partida de Dorfman, o primeiro suplente.

**DORFMAN — BELLIN**

*Siciliana*

1. Cf3 e6 2. d4 f5 3. Bg5 Cf6 4. Cbd2 Be7 5. Bxf6 Bxf6 6. e4.

O jovem M. I. Iosif Dorfman demonstra, uma vez mais, ter um cunho muito pessoal de tratar as aberturas. Desta vez, cede des preocupadamente o par de bispos, para conseguir um desenvolvimento veloz e harmónico das suas peças.

6... d5 7. exd5 exd5 8. De2+! De7 9. 0-0-0 Dxe2 10. Bxe2 Be6 11. The1 Rf7 12. Ce5+ Bxe5.

O avanço das brancas no desenvolvimento é muito grande, e Bellin é obrigado a devolver o par de bispos.

13. dxe5 Cc6 14. Cf3 h6 15. h4! g6 16. a3

Há tempo para tudo! As brancas transformaram a sua vantagem dinâmica (melhor desenvolvimento) numa estática (um peão passado central e bispo bom contra bispo mau).

16... Thd8 17. Bd3 a6 18. Cg1!

“Um passo atrás, dois passos em frente!” — a nova estratégia aplicada actualmente... em Moscovo!

18... d4 19. Ch3 Ce7 20. Cf4 b5 21. Be2 c5 22. g4!

As brancas chegaram à altura das grandes decisões! Se agora 22... fxg4 23. Cxe6 Rxe6 24. Bxg4+ Rf7 25. f4 Rg7 26. h5!, com grande vantagem.

22... Cd5 23. Cxd5 Bxd5

Evidentemente, se 22... Txd5?? 24. Bf3

24. f4! Be4 25. h5! g5 26. fxg5 hxg5 27. gxf5 Bxf5 28. Bf3! Ta7 29. Tg1

As brancas manobraram brilhantemente e, agora, é inevitável a queda de um peão (29... Tg8?? 30. Bd5+)

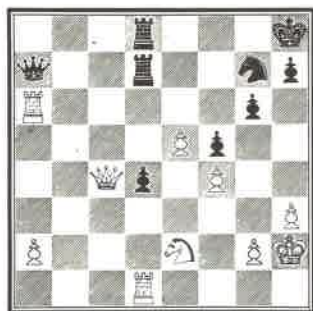
29... Te7 30. Tde1 d3 31. cxd3 Txd3 32. Be4! Bxe4 33. Txe4 Re6 34. Tgx5 Th3 35. Te2

Dorfman conduz o final com a mesma precisão com que tratou as anteriores fases do jogo.

35... Th7 36. Tg6+ Re7 37. Txa6 T7xh5 38. Tb6 b4 39. axb4 cxb4 40. Txb4 Td3 41. Tb7+ Re6 1:0

A partida foi adiada neste momento, mas Bellin abandonou sem a reatar.

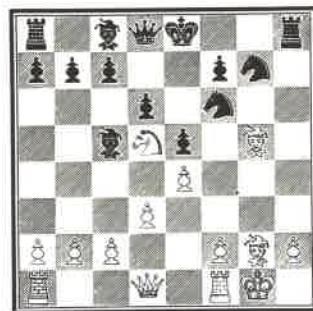
**LJUBOJEVIC — GHEORGHU**



*As pretas empatam*

39... Db7 40. Txd4 Txd4 41. Cxd4 De4! 42. g3. Se 42. Td6 Dxf4+ 43. Rh1 Tb8. 42... De3! 43. Td6 Df2+ 44. Rh1 1/2:1/2. As pretas empatam por xque-perpétuo.

**AUGUSTIN — NUNN**

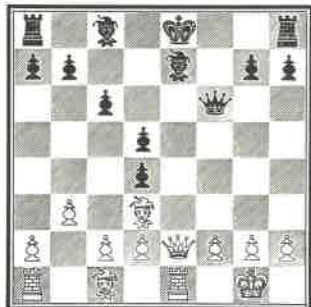


*As pretas ganham*

12... Cxd5!! Um bonito sacrifício! As negras obtêm apenas duas figuras por dama e peão, mas com um ataque fortíssimo. 13. Bxd8 Cf4 14. Bg5. Se 14. Bf6? Tg8. 14... Cge6 15. Bxf4 Cxf4 16. Rh1 Be6! 17. Bf3 Th4! Impede 18. Bg4 e prepara-se para dobrar as torres na coluna h. 18. Tg1 Re7 19. Tg2 Cxg2 20.

Bxg2 Tah8 21. Dd2 Txh2+ 22. Rg1 T2h4 23. Te1 Tg8 24. Te3 Bxe3 25. Dxe3 Bxh3 0:1

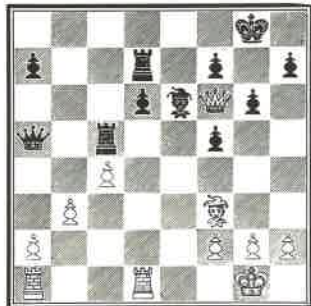
**ADORJAN — PARMA**



*As pretas empatam*

12... 0-0! 13. Dxe7 Dxf2+ 14. Rh1 Bh3! 15. gxh3 1/2:1/2. As pretas dão perpétuo com Df3+/Df2+. 15. Bf1?? perdia com 15... Tae8! 16. Dxe8 Txe8 17. Txe8+ Rf7

**BUKIC — ROMANISHIN**



*As brancas ganham*

22. b4!! O começo de uma bonita combinação, baseada na debilidade da oitava linha. 22... Dxb4 23. Tdb1 Dxc4 24. Be2! 1:0 Depois deste sacrifício de desvio, não há salvação: 24... Dc2 25. Bd3! Dc3 26. Tb8+ Tc8 27. Dxc3.